



Entrevista a Cris Gonçalves e Bernardo Nunes de Causa Galiza

GALIZA LIVRE :: 24/07/2019

Galiza Livre entrevista a Cris Gonçalves y Bernardo Nunes de Causa Galiza

Encaramos mais um Dia da Pátria com novidades de calado: as teses que visavam a ilegalização de Causa Galizaperdemapoitura, mesmo jurídica, quando a AN desestima julgar-vos por ‘pertença a organização armada’. Como valorades a mudança e o novo panorama que se abre? Como julgades os apoios sociais e políticos recebidos nestes quatro anos de actividade baixo a sombra da legislação de excepção?

Em quanto ao novo panorama que se abre, achamos, por umha banda, que fica em evidência o que já vínhamos denunciando estesanos: todo este processo foi umha montagem que tratou de dismantelar o independentismo organizado, metendo-lhe medo à militância e às pessoas que pudessem ter posturas acordes com os nossos postulados. Doutra banda, consideramos positivo o desbloqueio da nossa situação, já que nos permite continuar com as nossas actividades sem ter que programar sempre “à defensiva”; mas há que ter em conta que a repressom vai ser um fator constante deste lado... entendemos que a sociedade galega reagiu deste jeito polo recorte de direitos e liberdades que supujo a Operação Jaro; como di o poema de Niemöller: “primeiro vinhérom buscar os comunistas...”

No referente aos apoios recebidos durante a situação que vivemos, sempre é de agradecer que os organismos políticos e sociais do país se impliquem e tomem partido neste tipo de situações,mas consideramos que estes apoios deveriam ser muito mais evidentes, claros e constantes, polo que as atuações político-policiais deste tipo implicam a nivel de direitos civís, sociais e políticos. Também é certo que se num principio os apoios fôrom muitos, ao prolongar o Estado este processo durante quatro anos, estes fórom diluíndo-se no tempo.

Desta volta, decidistes-vos por uns ambiciosos prévios ao dia nacional com a chamada ‘campanha das 10000’, com a que respostávades à tentativa da eliminação da ensenha nacional nos espaços públicos. A julgar pola difusom da iniciativa e polo seu apoio em redes sociais, está a ser exitosa. Percebedes um maior apoio às vossas teses, mesmo nestas semanas nas que a repressom contra o independentismo volveu ensinar a sua face?

Achamos que a gente botava em falta atividade na rua, que nos últimos anos deixamos um bocado esquecida, substituindo-a por umha “militância virtual”. Ver as rúas tomadas por estreleiras motiva e convida a implicar-se na campanha, que valoramos como mui exitosa. Este sucesso pode ser um sintoma do momento que está a viver o independentismo na Galiza; há umha grande massa social que simpatiza com as nossas propostas, mas que ainda está por dar o passo cara a organização. As últimas detenções, o jeito no que se levárom a cabo, a falta de garantias jurídicas, o perverso discurso dos meios de comunicação, etc,

nom supõem um freio para a base social do independentismo, senão mais bem o contrário: este tipo de atuações evidenciam a tentativa desesperada por silenciar e criminalizar a disidência, e a gente adota reagir ante estas situações. Podemos dizer que têm um efeito “boomerang”.

Comentades nas vossas análises que o apoio genérico à reivindicação independentista está a alcançar dimensões maiores que nunca. Vai ter isto incidência na mobilização do 25? Como pensades que se pode traduzir isso à luta política organizada?

Agardamos que assim seja, que este 25 a participação na manifestação seja maciça. De Causa Galiza vamos poner todos os meios possíveis para canalizar todo este apoio na luta organizada. Aproveitamos este espaço para convidar a participar das atividades que se realizam em cada comarca: desde difundir o que se está a fazer até participar nas assembleias... sempre na medida das possibilidades de cada quem.

Nos últimos tempos, a direita espanhola extrema, representada polo PP, parece mostrar certos sintomas de desgaste na Galiza, mas as alternativas de alternância institucional que há anos se apresentavam como tam relevantes, encolhem e por vezes até mostram sintomas de decomposição. Pensades que há espaço na nossa Terra para umha alternativa independentista e rupturista que pivote na rua e nos movimentos sociais?

Nom só pensamos que haja espaço, mas que é totalmente necessário. A via autonomista, ou a suposta esquerda rupturista som umha via morta. Evitar a sangria da emigração, o paro, as desigualdades entre homens e mulheres, o desastre ecológico ou o expólio colonial passam por construir as ferramentas políticas que servirem para acumular forças para umha rutura democrática com o estado espanhol, e poder decidir o nosso futuro como um povo livre.

O progresso do movimento feminista na Galiza está a pôr enriba da mesa o reto de ‘feminizar as organizações’ e dar papel protagonista às mulheres. Como organização mixta, quais achades som as medidas imprescindíveis para avançar neste caminho?

O género é um elemento transversal, é dizer, está presente sempre em todos os ámbitos nos que nos desenvolvemos. Toda a realidade se pode analisar da perspectiva do género. Umha vez que se introduz este elemento na análise política é quando despes fendas existentes na nossa sociedade e que têm a sua raiz no feito de sermos mulheres. Feminizar a política significa isso: olhar sempre desde essa perspectiva, analisar as diferentes situações das que partimos e o jeito de equipará-las, e traduzir isto a termos políticos. A incorporação da perspectiva de género na nossa análise política é a medida básica para avançar, e dela dependerá que as necessidades, demandas e exigências das mulheres passem a um primeiro plano na formulação das nossas propostas.

Entre os muitos anúncios públicos que tedeis realizado, nas últimas semanas publicitastes especialmente duas iniciativas: a segunda fase do 'ProcessoTrevinca', e um Encontro Nacional pola Língua, suprapartidário, que tome decisons de urgência ante a desaparición do idioma. Podedes desenvolver um bocado ambas as propostas?

A segunda fase do Processo Trevinca consiste em actualizar os diagnósticos, tácticas e estratéxias do movemento, a través do feedback com a militancia e com a nossa base social, para o que seguimos a organizar assembleias abertas comarcais, nas que todas as persoas que participan achegan os seus puntos de vista e propostas. Aproveitamos para animar as persoas que podam estar interessadas a participar nesta fase do proceso.

Quanto ao Encontro Nacional pola Língua nasce de três premissas: a situación límite do noso idioma (perda de falantes, minorización na mocidade, diglossia estrutural...), o feito de que a oficialidade e os dereitos formais e as políticas restritas às institucións nom fórom quem de evitar o cenário actual, e por último a clara necesidade dumha estratéxia comum de defensa que permita avanzar cara a recuperación e conseguir a hegemonia social da nossa língua.

Ainda estamos a desenhar os pormenores deste Encontro, polo que por enquanto nom vamos adiantar mais, mas já vos iremos contando...

<https://galiza.lahaine.org/entrevista-a-cris-goncales-e>